

Religião e sexualidade humana: A vivência do celibato clerical à luz da Psicanálise

*Religion and human sexuality:
The experience of clerical celibacy in the light of
Psychoanalysis*

Sandro Malanquini¹

Resumo: O celibato presbiteral é, indubitavelmente, uma forma de vivência da sexualidade. Contestado por uns, elogiado por outros, ele desperta acalorada discussão. Fundamentado nessa constatação, neste artigo, objetiva-se discutir o celibato presbiteral à luz da psicanálise freudiana.

Palavras chaves: religião, sexualidade humana, celibato, psicanálise.

Abstract: Presbyterial celibacy is undoubtedly a way of experiencing sexuality. Answered by some, praised by others, he arouses heated discussion. Based on this finding, this article aims to discuss priestly celibacy in the light of Freudian psychoanalysis.

Keywords: religion, human sexuality, celibacy, psychoanalysis.

Introdução

É notória a grande discussão que o tema do celibato presbiteral tem trazido nas últimas décadas. O presente artigo tornou-se um espaço de diálogo entre a psicanálise e o celibato, no intuito de servir como luz ou interpretação do tema por meio da doutrina freudiana. Tecendo o caminho dialético, buscar-se-á

Artigo recebido em: 07 ago. 2017

Aprovado em: 16 out. 2017

¹ Psicanalista e Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória (ES). Professor do Centro Universitário São Camilo (ES). E-mail: sandromalanquini@hotmail.com

analisar, psicanaliticamente, o celibato presbiteral considerando dois mecanismos de defesa, a sublimação e a repressão, servindo-se de autores que pesquisaram a relação entre os temas celibato e psicanálise.

Na sociedade atual, muitas pessoas, por uma ou outra razão, vivem o celibato. Devido a uma série de circunstâncias que possibilitam não se ter de recorrer ao matrimônio como única solução para garantir o futuro, o número de celibatários aumenta cada vez mais. Mas,

Em quase todas as culturas, os celibatários sempre foram objeto de uma profunda incompreensão, que não desapareceu por completo em nossos dias. Ainda se observa um certo receio em relação a eles, como se se tratasse de pessoas esquisitas, egoístas ou sem atrativos suficientes para despertar algum interesse. Até mesmo o próprio celibato religioso perdeu muito seu caráter sagrado e idealista, como demonstram as múltiplas discussões recentes sobre a sua obrigatoriedade nos sacerdotes e o fato de que já não é considerado como sinal de privilégio.²

Ao longo da história do catolicismo³, são vários os fatores constituintes⁴ que levaram o celibato clerical a tornar-se lei

² ORDUÑA, 1984, p. 460.

³ Para uma consulta sobre o caminho histórico do celibato clerical, partindo da reflexão acerca de sua imposição ainda no século IV, passando pelos diversos Concílios que tratou dessa questão, indicamos a leitura da fala oficial do Magistério da Igreja em três documentos: a Carta Encíclica *Sacerdotalis Caelibatus* (1967), do Papa Paulo VI; a Exortação Apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis* (2007), do Papa Bento XVI; e o artigo *L'importanza del celibato sacerdotale* (2007), do Cardeal Cláudio Hummes, na época, prefeito da Congregação para o Clero.

⁴ Segundo alguns teólogos, a verdadeira razão do surgimento do celibato clerical é de caráter ritual ligado à lei da pureza ritual. A tese fundamental de Schillebeeckx é que a lei canônica do celibato clerical é resultante da lei da pureza ritual, criada para tornar possível a continência em vista do culto. “A lei de continência é originada da ideia da pureza ritual, isto é, na proibição da relação sexual durante a noite que precedia a comunhão eucarística. Como as missas passam a ser diárias no final do século IV, praticamente se torna permanente a continência do clero. Não se trata, assim, de celibato, mas de uma lei de continência, em nome da pureza ritual, por causa da Eucaristia. Ainda mais, porque a Igreja Antiga, tanto oriental, como ocidental, jamais pensa, durante os primeiros dez séculos, em fazer do celibato uma condição de admissão ao sacerdócio. Esta visão é

eclesiástica e princípio de seleção, isto é, a Igreja “escolhe” para presbítero somente o cristão capaz de optar também pelo celibato.

O celibato é uma lei disciplinar e não uma norma do Evangelho. Como costume eclesiástico, pode mudar a qualquer momento. Bastaria a convocação, pelo papa, de um Concílio, o encontro de cardeais e bispos do mundo inteiro, para decidir sobre o assunto. Se não é princípio divino, mas desejo dos homens da Igreja, existe ao menos uma certeza: nada mudou com o papa João Paulo II, nem com o papa Bento XVI. Fica a pergunta: e no pontificado do papa Francisco, como tal tema será tratado?

É claro que não se pode encarar o celibato como um problema em si, uma vez que algo se torna problema somente quando não é assumido e negado ou vivido de modo neurótico, sem responsabilidade. Deixar de falar do problema não é solucioná-lo. Portanto, se o celibato presbiteral vem sendo tão polêmico nos últimos anos, isso pede uma reflexão mais aprofundada na busca de luzes para uma questão que envolve a vida e o sentimento de tantas pessoas, bem como a reputação e a saúde da Igreja. Segundo Pereira,

Mais cedo ou mais tarde a questão será enfrentada mais objetivamente do que nas últimas décadas do século XX. Quanto mais isso demorar a aflorar, maiores serão os conflitos a serem administrados dentro da Igreja. Aliás, hoje em dia, os sintomas já falam mais alto.⁵

Por isso, faz-se necessário enfrentar o fato, dialogar, não ter medo nem insegurança de falar de suas angústias e questões polêmicas, pois, “enfrentar o fato e dialogar é um remédio tão antigo e banal que até nos esquecemos dele e, por mecanismos inconscientes de resistência, desacreditamos de sua eficácia”⁶.

Ao abraçarem a vida religiosa, os padres assumem os compromissos do celibato e da castidade, indissociáveis do sacerdócio desde o século IV. Sendo assim, não podem casar-se, são

originária do Antigo Testamento, inconciliável, portanto, com o novo Testamento, no qual Cristo suprime as prescrições da Antiga Aliança” (HACKMANN, 1993, p. 177). Segundo Schillebeeckx, esta foi a razão fundamental que tornou o celibato uma lei obrigatória no II Concílio de Latrão, em 1139, como resultado conclusivo de uma longa história, iniciada no século IV. Para alguns historiadores, o que levou a instituição do celibato foi motivo meramente econômico, uma vez que a Igreja não admitia ter de dividir os bens dos padres com seus familiares após sua morte.

⁵ PEREIRA, 2004, p. 158.

⁶ PEREIRA, 2004, p. 167.

proibidos de manter relações sexuais e de ter filhos. Alguns questionamentos são levantados: será que esses votos são sempre respeitados? É, de fato, necessária a vivência do celibato para os sacerdotes? A Igreja estaria certa ao fazer a exigência do celibato aos sacerdotes? O celibato deveria tornar-se facultativo para os padres?⁷ Muitos acreditam que é perda de tempo esperar que tais discussões sejam realizadas no seio da Igreja. Esperar pelo fim do celibato seria ilusão maior ainda. Porém, é preciso salientar que, assim como todo seguimento da sociedade, a Igreja convive com a questão da sexualidade, às vezes sem saber como lidar bem com ela:

Não se pode perder de vista que falar da sexualidade na Igreja deve ser, sempre, falar da vivência da sexualidade num sentido amplo, de forma que se possa, antes, compreender o que tem levado religiosos a abrir mão de um dos fortes pilares da religião católica. A Igreja segue os rumos da sociedade como um todo, na questão do sexo: vê seus espaços invadidos pela sexualidade, mas não sabe ainda como lidar com a questão.⁸

Diante de uma temática tão pertinente como é o celibato, que é uma forma de viver a sexualidade, o presente trabalho abordará tal questão na busca de iluminá-la à luz da psicanálise⁹, partindo do

⁷ Sobre tais indagações, recomendamos a leitura de: SILVA, Edlene. *Entre a Batina e a Aliança - Sexo, Celibato e Padres Casados*. São Paulo: Annablume, 2010.

⁸ PEREIRA, 2004, p. 150.

⁹ “A Psicanálise é o nome dado ao procedimento para investigação de processos mentais, praticamente inacessíveis de outra forma, especialmente vivências internas e profundas como pensamentos, sentimentos, emoções, fantasias e sonhos; um método (baseado nessa investigação) para o tratamento das neuroses; um acúmulo sistemático de conhecimentos sobre a mente, obtidos através desse procedimento, que gradualmente está se tornando uma nova ciência; um método de investigação que busca evidenciar o significado inconsciente das palavras, atos e produções imaginárias (sonhos, devaneios...) de um indivíduo, baseados na associação livre” (LAPLANCHE E PONTALIS, 2000, p. 385). Freud a desenvolveu baseando em sua experiência clínica. O ponto central da psicanálise é o postulado da existência do inconsciente como um receptáculo de lembranças traumáticas reprimidas; um reservatório de impulsos que constituem fonte de ansiedade, por serem social ou eticamente inaceitáveis para o indivíduo. Assim sendo, seu objetivo será tornar o inconsciente consciente.

pressuposto de que a psicanálise¹⁰ tem recursos para diagnosticar a dinâmica de forças presentes no psiquismo e dizer algo sobre as consequências psicológicas da opção pelo celibato.

A sexualidade humana

No contexto da vivência do celibato, faz-se necessário perguntar: o que fazer com a sexualidade? Para os que vivem de forma celibatária, é importante o modo de lidar com a sexualidade. Não se trata de coibir a sexualidade, mas de usá-la como fonte de vivacidade e de prazer na vida. Não se pode trancá-la, congelá-la ou excluí-la da vida. Assim, corre-se o risco de perder o calor humano, a cordialidade, a ternura e a humanidade. A ternura deve manifestar-se não só no trato com as pessoas, mas também com as coisas. Assim, um tratamento brutal com as coisas e com as pessoas manifesta, com frequência, uma sexualidade não integrada.

A sexualidade é fascinante. Ela é uma força difusa e poderosa na vida do ser humano. Todavia, muitos não sabem defini-la, não entendem o que ela significa, onde ela se ajusta em sua vida e o que fazer com ela quando provoca sentimentos fortes, atrações e desejos. Por isso, é necessário traçar a diferença entre sexualidade e sexo. Trata-se de realidades relacionadas, mas distintas. Sexualidade é uma realidade mais complexa, que inclui sexo e muito mais que isso.

Sexualidade: refere-se ao comportamento fundamental da personalidade no qual e pelo qual nós, homens e mulheres, experienciamos o nosso relacionamento conosco, com os outros e até com Deus. *Sexo:* refere-se ou a aspectos biológicos do homem ou mulher (isto é, um sinônimo para o gênero de cada um) ou a expressões de sexualidade que têm dimensões físicas, emocionais e espirituais, particularmente ações genitais que resultam no ato sexual e/ou orgasmo.¹¹

¹⁰ A importância e a influência de Freud e da psicanálise para a ciência de modo geral é muito clara. Ele exerceu e continua a exercer influência sobre todo o aspecto do pensamento contemporâneo. Os costumes se transformaram no encontro com a teoria psicanalítica, e os próprios termos fundamentais da teoria psicanalítica (complexo de Édipo, repressão, censura, sublimação, inconsciente, superego, transferência, etc.), que já se tornaram parte integrante da linguagem comum e, bem ou mal, com maior ou menor cautela, mais ou menos a propósito, passaram a construir instrumentos de interpretação do desenvolvimento mais amplo da vida.

¹¹ GULA, 2001, p. 113.

Com essa definição de sexualidade, percebe-se que há uma estreita relação entre sexualidade humana e maturidade humana:

O termo “maturidade” vem do crescimento de uma fruta. Amadurecer é um processo de crescimento. Madura é uma fruta quando chegou a ser aquilo que deve e quer ser, de acordo com sua determinação, sua essência; quando se tornou digerível para as pessoas, quando desdobrou a beleza que estava escondida. Amadurecimento humano significa que uma pessoa desabrocha, que torna visível o que há dentro dela em termos de possibilidades e capacidades; quando em torno dela há florescimento e frutos.¹²

As características da maturidade humana são serenidade, paz interior, vivacidade, fecundidade e criatividade. Entretanto, não é possível delinear uma imagem geral de maturidade. Deve-se considerar a maturidade de uma pessoa segundo sua idade e vinculada ao seu sexo, pois uma mulher madura tem características distintas das de um homem maduro. Cada fase da vida tem seu próprio nível de desenvolvimento. Na dinâmica do amadurecimento, é importante ter coragem de assumir os próprios sentimentos, pensamentos e desejos, bem como coragem de perceber-se e mostrar-se como se é.

Sobre a sexualidade humana, Freud chegou a sustentar que a motivação humana está enraizada na sexualidade. Como se sabe, a psicanálise confere grande importância à sexualidade no desenvolvimento e na vida psíquica do ser humano. Em *Vocabulário da Psicanálise*, encontra-se este conceito de sexualidade na teoria psicanalítica:

Na experiência e na teoria psicanalítica, “sexualidade” não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância que proporcionam um prazer irredutível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental: respiração, fome, função de excreção, etc.¹³

Segundo Freud, a sexualidade adulta é o resultado de um complexo processo de desenvolvimento que começa na infância,

¹² GRÜN, 2006, p. 9.

¹³ LAPLANCHE E PONTALIS, 2000, p. 476.

passa por uma série de etapas ligadas a diferentes funções e áreas corporais. Para Freud,

É sobretudo a existência de uma sexualidade infantil, que atua desde o princípio da vida, que vem ampliar o campo daquilo que os psicanalistas chamam sexual. Ao falarmos de sexualidade infantil, não pretendemos reconhecer apenas a existência de excitações ou de necessidades genitais precoces, mas também de atividades aparentadas com as atividades perversas do adulto, na medida em que põem em jogo zonas corporais (zonas erógenas) que não são apenas as zonas genitais, e na medida em que buscam um prazer (sucção com o polegar, por exemplo) independentemente do exercício de uma função biológica (nutrição, por exemplo).¹⁴

Nesse desenvolvimento, é essencial o período edipiano, que transcorre entre os 4 e 6 anos de idade, momento em que a criança é capaz de estabelecer um vínculo afetivo com a mãe, semelhante à relação de um adulto com seu par, e considera seu pai um rival (Complexo de Édipo). A idade em que a criança supera essa etapa será decisiva em sua vida posterior, especialmente em suas relações afetivas.

Sexualidade, celibato clerical e psicanálise

A sexualidade é, sem dúvida, um tema muito controverso e de difícil abordagem, pois se trata de uma das formas de manifestação do desejo humano:

A sexualidade é um terreno onde se encontram grandes manifestações do inconsciente e contradições sociais. A ruptura libidinal pode tornar-se um dos pontos de emergência da energia desejante. Por esse motivo, falar do assunto é sempre tratar de transgressão, de algo que está fora de ordem, do que está latente e afronta o que é moralmente aceito. Além disso, a sexualidade é fruto da construção psíquica do sujeito, não sendo um dado moralmente natural e, por isso, guarda

¹⁴ LAPLANCHE E PONTALIS, 2000, p. 477.

diferenças – mais ou menos aceitos moralmente – de sujeito para sujeito e de cultura para cultura.¹⁵

A sexualidade humana deve ser entendida num sentido mais amplo:

Em síntese, a sexualidade não está exclusivamente voltada para a relação sexual em si ou o gozo genital, mas a um conjunto de inúmeras fantasias da vida psíquica do indivíduo, envolvendo diferentes personagens. Para os adultos, as vivências e recordações dos prazeres infantis são vividos, por vezes, com bastante temor, carregados de forte proibição.¹⁶

Cabe agora perguntar: o que a psicanálise tem a dizer sobre a sexualidade, o celibato obrigatório e outras questões? Para auxiliar essa reflexão, será analisada aqui a entrevista concedida pela psicanalista Karin Hellen Kepler Wondracek¹⁷ para a Revista *Ultimato*, em que ela tenta estabelecer um diálogo entre a fé cristã e a psicanálise, avalia essa fé como ponto de partida e de chegada da humanidade e considera a psicanálise um método apropriado para interpretar os caminhos e os descaminhos afetivos da existência humana. Afirma que a psicanálise é uma ciência humana, com excelente método para compreender os conflitos internos que são próprios da existência. Usando a linguagem agrícola do pastor e psicanalista Oskar Pfister, ilustra a psicanálise como método apropriado para arar o psiquismo.

No caso do celibato e do casamento, Karin afirma que a psicanálise tem recursos para diagnosticar a dinâmica de forças presente no psiquismo e dizer algo sobre as consequências psicológicas de uma ou outra opção, mas não está autorizada a emitir opinião sobre o significado último de um celibato ou de um casamento para determinada pessoa.

Ao ser questionada pela equipe da Editora *Ultimato* se, nas questões de casamento e celibato, pode-se dizer que “Freud explica”?, categoricamente diz Karin:

¹⁵ PEREIRA, 2004, p. 153.

¹⁶ PEREIRA, 2004, p. 150.

¹⁷ Karin Hellen Kepler Wondracek, psicanalista, membro do CPPC (Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos), foi quem traduziu do alemão para o português o livro *Cartas entre Freud e Pfister* (1909-1939), publicado em 1998 pela Editora *Ultimato* e pelo CPPC.

Sim e não. Sim, no sentido de fornecer uma teoria da sexualidade humana – o ser humano é um ser em conflito entre várias forças que nele habitam, chamadas de pulsões ou instintos. Estas nascem no corpo e se manifestam no inconsciente; a partir deste, povoam os sonhos, as fantasias e os pensamentos conscientes. Esses desejos não obedecem à vontade consciente, e muitas vezes lutam contra ela. Não, porque sua própria teoria diz que o desenvolvimento de cada pessoa é altamente individualizado – cada um nasce com quantidades diferentes de energia pulsional, cada um tem uma história infantil e experiências de vida diferentes, e, por isso, não se pode estabelecer explicações válidas para todos, apenas hipóteses que devem ser confirmadas em cada caso. Por isso, o psicanalista precisa escutar muito: para ajudar a pessoa a dar significado próprio às suas vivências. Assim, também neste assunto, minhas respostas são hipotéticas e parciais, baseadas na teoria psicanalítica e na experiência de analista. A história mostra celibatos insalubres e celibatos abençoados, casamentos infelizes e casamentos maravilhosos.¹⁸

Mesmo em se tratando de um religioso, a pulsão sexual, inerente à natureza humana, pode clamar seu quinhão a qualquer hora. Para Freud, a pulsão sexual é originária tal qual a fome e, por isso, não pode ser suprimida, a não ser à custa de muita repressão. Diante dessa questão, Karin é emblemática ao afirmar:

Nenhuma pressão social quanto ao destino amoroso é positiva em si. Sempre que alguém se casa ou deixa de se casar para corresponder a uma exigência externa, futuros problemas podem surgir. O conflito não resolvido poderá aparecer em outra esfera, muitas vezes provocando estragos numa comunidade inteira... O meio católico perde ou desvaloriza o ministério de pessoas que não se sentem chamadas ao celibato. O meio protestante perde ou desvaloriza o ministério precioso de pessoas que não se sentem chamadas ao casamento, mas que não encontram campo de atuação e respeito por não terem se aliado à maioria casada. O destino da pulsão sexual é

¹⁸ WONDRAČEK, 2002, p. 23.

altamente individual. Cada pessoa deve buscar a situação na qual se sente mais vitalizada e com mais energia criativa.¹⁹

A pulsão sexual não deve tyrannizar a pessoa, pois cada ser humano está convidado a se libertar do domínio do inconsciente (e do consciente), no sentido de submeter toda gama de pulsões a um propósito ético mais elevado:

A pulsão sexual teria três destinos que deveriam ser combinados proporcionalmente: 1) o exercício sexual puro; 2) a repressão; 3) a sublimação. A melhor combinação seria feita entre o primeiro e o terceiro componentes. Este arranjo da pulsão corresponderia ao princípio do prazer mais elevado. Com isso, não se exclui uma outra possibilidade, a de repressão e frustração de parte dos impulsos.²⁰

Pfister honrava aqueles que, em prol de uma causa maior, renunciavam a satisfações mais básicas. No entanto, sempre enfatizava que isso não deveria acontecer à custa de repressão, mas de conscientização, e nunca por imposição. Muitas vezes, um tratamento psicológico pode auxiliar nesse arranjo, ajudando na expressão direta da sexualidade, na aceitação da frustração e na sublimação.

Questionada sobre quem tem mais ocasião para um escândalo de ordem sexual, se o padre celibatário ou o pastor casado, Karin afirma que ambos são sujeitos a escândalos, pois a pulsão sexual é uma energia que, por vezes, mostra-se pouco suscetível a regras. Isso não justifica os escândalos, mas explica por que uma pessoa bem-intencionada, com bons princípios, pode “cair”. Porque a repressão provocada pela moralidade aumenta o risco de perversão sexual²¹: ao inibir a via normal, empurram-se a

¹⁹ WONDRACEK, 2002, p. 26.

²⁰ PFISTER, 1956, p. 27.

²¹ “Não cabe discorrer aqui sobre o que é e o que não é perversão. Para Freud, a criança sente prazer de muitas formas, em muitas regiões corporais e com muitos objetos. Com o crescimento, espera-se que estas expressões parciais sejam subordinadas à genitalidade e o prazer adulto seja buscado numa relação terna e sexual com um adulto do sexo oposto. Quando esta via de satisfação adulta é bloqueada interna ou externamente, abre-se espaço para uma regressão às tendências reprimidas desde a infância. Mas este não é o único fator. Para constituir uma perversão, quase sempre há uma história infantil problemática, na qual o psiquismo não

pessoa para as outras possibilidades, entre elas, as perversas. Ressalta, ainda, que os destinos da pulsão são altamente individualizados e, como se processam no campo do inconsciente, a própria pessoa não tem acesso ao motivo pelo qual sente-se atraída por determinada pessoa ou situação. Desse modo, tanto o pastor quanto o padre poderão se sentir inclinados a caminhos que, conscientemente, condenariam.

Dentro ainda da questão dos escândalos de ordem sexual, assim diz Karin analisando tal questão em relação ao padre celibatário:

Ainda penso que o padre celibatário tem mais ocasião para um escândalo sexual, por duplo motivo: Primeiro, o escândalo já é provocado apenas por sentir desejos normais. O padre não tem a opção de escolher uma esposa com quem satisfazer sua afetividade, que inclui eros e ternura. Também não pode constituir família; por isso os laços amorosos não se constroem num espectro que auxiliaria a canalizar a libido e a assumir relacionamentos responsáveis de conduta sexual. Com o celibato obrigatório, não há autonomia nem respeito às suas condições individuais de sublimação. Segundo, o escândalo é provocado por ter impulsos anormais. O celibato pode atrair

conseguiu substituir as satisfações parciais experimentadas ou fantasiadas anteriormente pelo prazer genital nem aliou erotismo com amor por uma pessoa adulta do sexo oposto. Se o ambiente for favorável ao desenvolvimento normal, este caminho pode ser completado e talvez esses problemas latentes nunca se manifestem diretamente. Neste sentido, o celibato compulsório torna-se uma situação que obstrui a via normal; por isso pode estimular o aparecimento de impulsos que de outro modo permaneceriam no inconsciente. Há mais um aspecto: para o perverso, o outro não é um ser humano com seus anseios e necessidades, mas apenas um objeto para satisfação da própria pulsão. No dizer de Martin Buber, não é um “eu” que busca no outro um “tu”, mas apenas um “isso”. O perverso não estabelece relacionamentos duradouros. Apenas descarrega sobre o outro sua sexualidade. O celibato compulsório, ao proibir a união estável e permanente, também abre espaço para essas relações apenas pontuais, de uso do outro, e, nesse sentido, estimula o ingresso de pessoas que se sentem incapazes de ver no outro um “tu”. Repito que a essência humana está além do alcance da psicanálise. Muitos religiosos e religiosas tiveram vidas fecundas no celibato; outros, no casamento. O problema são as obrigatoriedades, tanto as internas quanto as externas, numa religião que se denominou amorosa e de ‘fardo leve’” (WONDRACEK, 2002, p. 26).

peças com distúrbios sexuais prévios, que encontram uma justificativa social e religiosa para não se envolverem numa relação erótica com o sexo oposto. Mas, como a pulsão sexual não é aniquilada pela religiosidade, ela aparece distorcida dentro do ministério, dando lugar aos escândalos ligados à perversão sexual.²²

Analisando, ainda, os escândalos sexuais que estão por vir à tona nos meios religiosos, católicos e protestantes, Karin também faz uma reflexão sobre a exposição dos pastores sobre esse assunto:

O pastor, por sua vez, tem mais condições de não se envolver em escândalos sexuais, pois tem a possibilidade de realizar sua afetividade no casamento e constituir uma rede familiar. Mas isso não funciona automaticamente. Certamente haverá ocasiões em que se sentirá atraído por outra pessoa. E, muitas vezes, um pastor pode ter optado pelo casamento para ocultar tendências sexuais anormais, que poderão lhe causar problemas se apenas forem reprimidas, e não tratadas.²³

Dentro ainda da dinâmica do atendimento pastoral e buscando iluminar a vivência do celibato clerical sobre a luz da psicanálise, é preciso refletir sobre a transferência e a contra transferência, conceitos freudianos que nos ajudam a entender as conexões emocionais inconscientes que fazemos com outra pessoa. Em seu livro *Ética no ministério pastoral*, Richard M. Gula manifesta sua preocupação com a vivência ética, por parte dos ministros pastorais, e da atenção que estes devem ter com o processo da transferência:

Na transferência, a pessoa que procura ajuda pastoral projeta no ministro necessidades não satisfeitas e conflitos por resolver que estão enraizados numa relação anterior com alguma pessoa significativa, como, por exemplo, pai. Quando agimos com alguém, agora, como se ele/ela fosse a mesma pessoa significativa do passado, estamos fazendo uma “transferência”. A transferência ocorre mais por causa da função do que por causa de alguma atração especial do

²² WONDRAČEK, 2002, p. 27.

²³ WONDRAČEK, 2002, p. 27.

ministro. Por exemplo, uma pessoa procurando ser tocada e abraçada pode estar revivendo uma necessidade de carinho dos pais que carrega desde a infância. A transferência pode também transformar um abraço num “avanço” sexual, por causa de alguma experiência anterior com um conflito de sedução e proximidade. Se não estamos conscientes da dinâmica da transferência, então entendemos mal o verdadeiro relacionamento e acabamos por reagir a um relacionamento que não existe.²⁴

Ainda no intuito de conscientizar sobre o cuidado que se deve ter no atendimento pastoral, bem como em relação à devida atenção aos próprios sentimentos e sobre o que fazer com os sentimentos e os desejos advindos da dinâmica do relacionamento profissional, Gula afirma:

Na contratransferência, as nossas necessidades são satisfeitas, os sentimentos ou os conflitos pessoais por resolver são sobrepostos aos das pessoas que procuram a nossa ajuda. Isso destrói qualquer senso de objetividade sobre as necessidades reais da pessoa. Por exemplo, se não prestarmos atenção as nossas próprias necessidades de ser atraentes aos outros e ser amados e valorizados, quando nos sentirmos sexualmente motivados num relacionamento pastoral, podemos facilmente ceder à solicitação pela proximidade física ou até iniciá-la nós mesmos. Isso pode levar o outro a acusar-nos de má conduta profissional ou de querer um envolvimento mais estreito. O perigo da contratransferência está em começarmos a usar a outra pessoa como um meio de satisfazer as nossas necessidades à custa do verdadeiro propósito do relacionamento pastoral que é o de servir o outro. Alguns sinais de contratransferência estão em pensar bastante sobre o que o outro está fazendo, sonhar com ele, ser exclusivamente solícito e disponível a qualquer hora, cultivar a dependência, desenvolver sentimentos afetivos e sexuais em relação à outra pessoa, revelar fantasias, sentimentos e experiências para quem é objeto de tudo isso e criar relacionamento dual.²⁵

²⁴ GULA, 2001 p. 134.

²⁵ GULA, 2001, p. 135.

Analisando o celibato clerical considerando dois mecanismos de defesa: sublimação e repressão

Os mecanismos de defesa podem ser considerados as ações que têm a finalidade de reduzir qualquer manifestação que pode pôr em perigo a integridade do indivíduo, ou seja, o Ego procura proteger-se de situações ameaçadoras.

A ameaça de alguns eventos psíquicos (pulsões, inclinações, impulsos, emoções, entre outros) pode causar excesso de ansiedade e angústia. Segundo Freud, haveria dois modos de diminuir essa angústia. O primeiro seria lidando diretamente com a situação que desencadeia a emoção angustiante. Resolvemos problemas, superamos obstáculos, enfrentamos ameaças ou fugimos delas e chegamos a termo de um problema a fim de minimizar seu impacto. Desta forma, lutamos para eliminar dificuldades e diminuir probabilidades de sua repetição, reduzindo, assim, as perspectivas de ansiedade adicional no futuro. A outra forma de defesa contra a ansiedade deforma ou nega a própria situação. O Ego protege a personalidade contra a ameaça, falsificando a natureza desta. Os modos pelos quais se dão as distorções são denominados mecanismos de defesa:

Foi este o nome que Freud adotou para apresentar os diferentes tipos de manifestações que as defesas do Ego podem apresentar, já que este não se defronta só com as pressões e solicitações do Id e do Superego, pois aos dois se juntam o mundo exterior e as lembranças do passado. Quando o Ego está consciente das condições reinantes, consegue ele sair-se bem das situações sendo lógico, objetivo e racional, mas quando se desencadeiam situações que possam vir a provocar sentimentos de culpa ou ansiedade, o Ego perde as três qualidades citadas. É quando a ansiedade-sinal (ou sinal de angústia), de forma inconsciente, ativa uma série de mecanismos de defesa, com o fim de proteger o Ego contra uma dor psíquica iminente.²⁶

Os principais mecanismos psicológicos de defesa descritos são: repressão, negação, racionalização, formação reativa, isolamento, projeção, regressão e sublimação. Todos esses mecanismos podem ser encontrados em indivíduos saudáveis, e sua presença excessiva é, via de regra, indicação de possíveis

²⁶ ROTH, 2005, p. 64.

sintomas neuróticos e, em alguns casos extremos, o excesso indicaria até sintomas psicóticos, como, por exemplo e principalmente, o excesso dos mecanismos de projeção, negação da realidade e clivagem do ego.

Sublimação

Trata-se do mais eficaz dos mecanismos de defesa, na medida em que canaliza os impulsos libidinais para uma postura socialmente útil e aceitável. Laplanche e Pontalis assim o definem:

Processo postulado por Freud para explicar atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual. Freud descreve como atividade de sublimação principalmente a atividade artística e a investigação intelectual. Diz-se que a pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo objeto não sexual e em que visa objetos socialmente valorizados.²⁷

Já segundo Wondracek,

Sublimação, por sua vez, consiste em transformar o pensamento ou afeto indesejável em um conteúdo aceito socialmente, de modo que possa permanecer na consciência e até receber reconhecimento. Seria como “educar” o convidado, antes indesejável, para torná-lo um cidadão útil, que realiza atos de bondade reconhecidos pelos demais convidados. A sexualidade sublimada canaliza-se para âmbitos aceitos culturalmente. Por exemplo: um compositor, um poeta, um pesquisador transformou seu instinto sexual em energia disponível para suas obras, e elas lhes dão muito prazer.²⁸

Sem querer recorrer às motivações religiosas, é possível encontrar no próprio terreno humano uma plena justificativa para a vivência do celibato:

²⁷ LAPLANCHE & PONTALIS, 2000, p. 495.

²⁸ WONDRAČEK, 2002, p. 24.

Trata-se de uma situação vivencial na qual a entrega a um valor, que se considere urgente e imediato, acarreta a necessidade existencial de permanecer solteiro. O celibato se apresenta assim como uma atitude criadora para o incentivo e realização de um determinado valor, exigindo a supressão de outro, tão bom e desejável, como o amor conjugal. Na realização de uma tarefa ou na prestação de algum serviço concreto, a vivência é tão exigente que o sacrifício de outros valores, que poderiam constituir um obstáculo ou dificuldade, é considerado como secundário. É uma preocupação experimentada interiormente, levando alguém a se entregar com maior independência ao que considera digno de tal opção, mas que não tem por que levar a menosprezar as outras opções, nem rebaixá-las de categoria.²⁹

Diferentemente daquele que é aceito por outras motivações, inconscientes e imaturas, o celibato verdadeiro implica uma atitude de disponibilidade e serviço aos outros. Os exemplos da moça que não se casa para cuidar dos pais ou de um doente que dela necessita, ou daquele que não quer dispensar sua energia e seu tempo para trabalhar com mais plenitude em favor da humanidade ou de uma ideologia que o satisfaça plenamente, deixam claro que o celibatário nunca será um egoísta interesseiro:

Diante dessas pessoas, capazes de renunciar a sentimentos legítimos e naturais para atender a uma necessidade que considere impostergável, não há outro caminho senão o de manifestar o máximo respeito, seja qual for a tarefa que pretendam realizar desinteressadamente.³⁰

Cada estado de vida apresenta suas próprias dificuldades e seus inconvenientes, como também tem suas vantagens e seus aspectos positivos. O importante é que cada um descubra sua vocação, consiga centrar-se completamente nela e trabalhe, a partir daí, pela plena realização de sua personalidade. Para tanto, é importante que se tenha consciência da necessidade de uma verdadeira sublimação, cuja falta costuma produzir uma tensão incômoda:

²⁹ ORDUÑA, 1984, p. 466.

³⁰ ORDUÑA, 1984, p. 466.

Renunciar a uma forma concreta de amor é algo que não significa nenhuma regressão ou estagnação, quando as exigências fundamentais do homem são alimentadas e satisfeitas por outros caminhos. Isso significa que a sublimação, no sentido mais pleno da palavra, constitui uma premência para o celibatário. Ao contrário de outros mecanismos de defesa, tão próprios da neurose, a sublimação não conduz a um bloqueio da personalidade. Trata-se de algo dinâmico e positivo, embora, às vezes, também seja designado como um mecanismo neurótico e inconsciente.³¹

A pessoa, segundo Freud, “pode recorrer ao mecanismo da sublimação para empurrar na direção do inconsciente os impulsos e sentimentos não satisfeitos, valendo-se de condutas mais elevadas, ‘sublimes’, que inibam a manifestação de tais impulsos”³². Essas condutas podem ser vistas em atividades culturais, esportivas, religiosas, artísticas, por exemplo. Assim, para Freud, “sublimação é a transformação da libido represada em libido socialmente aceita”³³. Em outras palavras, “Freud via a sublimação como o processo pelo qual se realiza o escoamento da libido através de atividades especificamente humanas. Essa é a maneira freudiana de explicar a tranquilidade no celibato”³⁴.

Repressão

O termo “repressão” é usado com frequência em psicanálise. Trata-se de uma operação psíquica que pretende fazer desaparecer da consciência impulsos ameaçadores, sentimentos e desejos, ou seja, conteúdos desagradáveis ou inoportunos. Assim, lê-se em *Vocabulário da Psicanálise*:

Em sentido amplo, é uma operação psíquica que tende a fazer desaparecer da consciência um conteúdo desagradável ou inoportuno: ideia, afeto, etc. Neste sentido, o recalque seria uma modalidade especial de repressão.

Em sentido mais restrito, designa certas operações do sentido amplo, diferentes do recalque: a) Ou pelo caráter consciente da operação e pelo fato de o

³¹ ORDUÑA, 1984, p. 481.

³² MOHANA, 1997, p. 32.

³³ MOHANA, 1997, p. 32.

³⁴ MOHANA, 1997, p. 32.

conteúdo reprimido se tornar simplesmente pré-consciente e não inconsciente; b) Ou, no caso da repressão de um afeto, porque este não é transposto para o inconsciente, mas inibido, ou mesmo suprimido.³⁵

A essência da repressão consiste em afastar determinada coisa do consciente, mantendo-a a distância (no inconsciente). A repressão afasta da consciência um evento, ma ideia ou uma percepção potencialmente provocadora de ansiedade e impede, dessa forma, qualquer "manipulação" possível desse material. Entretanto, o material reprimido continua fazendo parte da psique, apesar de inconsciente, e continua causando problemas:

Segundo Freud, a repressão nunca é realizada de uma vez por todas e definitivamente, mas exige um continuado consumo de energia para se manter o material reprimido. Para ele, os sintomas histéricos, com frequência, têm sua origem em alguma antiga repressão. Algumas doenças psicossomáticas, tais como asma, artrite e úlcera, também poderiam estar relacionadas com a repressão. Também é possível que o cansaço excessivo, as fobias e a impotência ou a frigidez derivem de sentimentos reprimidos.³⁶

Ainda sobre a repressão, assim preconizou Wondracek:

Repressão corresponde a retirar um pensamento ou afeto indesejável da consciência, enviando-o ao inconsciente. Freud ilustra com o ato de expulsar convidados indesejados de uma festa — apenas são excluídos do ambiente. Lá fora, continuam vivos e ativos, e podem querer retornar disfarçados. Reprimir resolve momentaneamente. Depois o problema retorna. A sexualidade reprimida tenta retornar por vezes na forma de um sintoma neurótico, como uma paralisia histérica, ou um pensamento obsessivo, ou uma fobia de algum objeto ou animal.³⁷

Segundo Pinto, “é importantíssimo salientar que, ao tratar das repercussões do celibato, há que se levar em conta que o

³⁵ LAPLANCHE & PONTALIS, 2000, p. 457.

³⁶ FADIMAN & FRAGER, 1980, p. 84.

³⁷ WONDRAČEK, 2002, p. 24.

religioso não abdica de sua sexualidade, mas, sim, renuncia à expressão genital dessa sexualidade. Não há como alguém abdicar de sua sexualidade, uma vez que ela é uma característica estrutural da personalidade de cada pessoa”³⁸. A sexualidade é inerente ao ser humano. Não há como suprimi-la. O máximo que se pode alcançar por esse caminho é sua repressão, o que é danoso para o ser como um todo.³⁹

Para Freud, como repressão, o celibato, pode aparecer como uma conduta geradora de conflito, de angústia.⁴⁰ Para muitos religiosos, a proposta de celibato como sublimação está bastante distante da prática de suas vidas, de modo que, não raro, encontramos tentativas moralistas de lidar com o celibato. Afetos reprimidos não são afetos integrados e, por causa disso, tendem a provocar sofrimento e crises ou uma vida de aparências, com práticas sexuais escusas, culposas, dissociadas.⁴¹ Nesses casos, pode-se afirmar, portanto, que se trata de pessoas “em situação problematizada, insolúvelmente problematizada, dizemos que são recalçados, ou simplesmente frustrados”⁴². Diz-se que se trata de alguém que, freudianamente, tem um problema sexual e não o tratou.⁴³

Quando há a sublimação, percebe-se que o celibato “não ocorre em consequência de conflitos na área da sexualidade, por necessidade de repressão, e, sim, por desejo autêntico de redirecionar essa energia rumo a um objetivo diferente do objeto de relações sexuais ou do objeto da procriação”⁴⁴.

Nos casos patológicos,

A teoria freudiana mostra acertadamente que a pessoa utiliza mecanismos inconscientes para reprimir a sexualidade, o que eventualmente degenerará num estado de angústia. Ao passo que no celibato psicologicamente sadio, a sexualidade é assumida e recanalizada, de modo que oriente a energia dela à realização de um objetivo existencial altamente significativo para a pessoa.⁴⁵

³⁸ PINTO, 2010, p. 36.

³⁹ PINTO, 2010, p. 36.

⁴⁰ MOHANA, 1997, p. 31.

⁴¹ PINTO, 2010, p. 37.

⁴² MOHANA, 1997, p. 16.

⁴³ MOHANA, 1997, p. 29.

⁴⁴ MOHANA, 1997, p. 36.

⁴⁵ MOHANA, 1997, p. 36.

Sobre o celibato, portanto, pode-se afirmar que ele pode ser vivido de forma patológica ou de forma psicologicamente madura.

Considerações finais

Os celibatários não são assexuados. A dinâmica sexual está sempre agindo em qualquer interação humana. Segundo uma velha história, um seminarista perguntou a um padre idoso quando ficaria livre de tentações sexuais, e o padre respondeu-lhe: “Não acho que podemos contar com isso até que estejamos mortos há, pelo menos, três dias!”

O celibato é uma obrigação profissional para aqueles que se comprometem com isso. Por definição, todos, pelo menos em teoria, deveriam abster-se de sexo como celibatários. Em se tratando de uma avaliação moral da conduta sexual do celibatário, não há nenhuma pesquisa que apoie qualquer ligação causal entre celibato e má conduta profissional na área da sexualidade. É bom frisar que as normas da ética sexual devem ser aplicadas a todos os profissionais e não somente aos celibatários, pois, como se vê, há escândalos de ordem sexual não só envolvendo ministros celibatários, mas quase em todos os segmentos profissionais.

A sexualidade é um recurso para o exercício do ministério pastoral porque é uma fonte de energia que alimenta a criatividade, o senso de responsabilidade, a paixão e o comprometimento. Com ela desnudamos nosso interior e nos relacionamos com os outros. Porém, embora a sexualidade seja um dom para os que abraçaram a vida celibatária para o serviço pastoral de forma exclusiva, dando, assim, vivacidade, energia e facilidade de estar em contato com os outros, ela pode também tornar-se um instrumento de abuso, exploração e desordem. Isso porque é comum para duas pessoas sentirem desejos sexuais, serem inundadas de fantasias sexuais e desejarem a união sexual, não só no âmbito do atendimento pastoral dos ministros celibatários, mas em qualquer relacionamento profissional entre duas pessoas, pois a vulnerabilidade de qualquer tipo de profissional em relação à conduta sexual faz-se sempre evidente.

Peter Rutter discorre de maneira muito clara sobre os riscos que se corre quando se trabalha ou se desenvolve uma intimidade com as pessoas que buscam ajuda profissional para lidar com seus dramas. Ela enfatiza que

Sempre que mexemos profundamente com as emoções de outra pessoa, desenvolvemos uma

intimidade com ela que inclui a tendência para o contato sexual. A intimidade que desenvolve pode fazer-nos ignorar qualquer fronteira sexual. Mas quando reconhecemos que surge paixão, temos de escolher. Vamos encorajá-la ou canalizá-la em outra direção? Presume-se que num relacionamento profissional a paixão deva ser canalizada em outra direção e que não permitamos que a energia sexual e a atração obstruam o objetivo do relacionamento.⁴⁶

Tratando-se do celibato exigido dos padres, a Igreja “não ignora que a escolha do celibato consagrado, implicando uma série de severas renúncias que atingem o íntimo do homem, traz também consigo graves dificuldades e problemas a que são particularmente sensíveis os homens de hoje”⁴⁷. Diante de tal consciência, afirma-se que a verdadeira e profunda razão do celibato é “a escolha duma relação pessoal mais íntima e completa com o mistério de Cristo e da Igreja, em prol da humanidade inteira. Nesta escolha há lugar, sem dúvida, para a expressão dos valores supremos e humanos no grau mais elevado”⁴⁸. Na busca de esclarecer a razão do celibato presbiteral, a Igreja afirma que o celibato bem vivido, ou seja, de forma consciente e livre, equilibrado, torna-se fonte de elevação da condição do homem⁴⁹. Segundo Paulo VI:

A escolha do celibato não comporta ignorância, ou desprezo do instinto sexual ou da afetividade, o que teria consequências certamente prejudiciais para o equilíbrio físico e psicológico do sacerdote, mas exige lúcida compreensão, atento domínio de si mesmo e sábia sublimação da própria psique, encarada num plano superior. Deste modo o celibato, elevando integralmente o homem, contribui efetivamente para a sua perfeição.⁵⁰

Porém, para alguns autores, a história do celibato sacerdotal confirma a visão negativa que, na Antiguidade, tinha-se do

⁴⁶ RUTTER, 1989, p. 22.

⁴⁷ PAULO VI, 1967, nº 50.

⁴⁸ PAULO VI, 1967, nº 54.

⁴⁹ Sobre tal assunto, recomendamos a leitura de: KIYAN, Ana Maria Mezzarana. *A identidade do sacerdote católico - Um estudo sobre o celibato e a política de identidade da Igreja Católica*. 2005. 189 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

⁵⁰ PAULO VI, 1967, nº 55.

matrimônio, bem como confirma uma concepção pejorativa da sexualidade:

Mais do que o próprio matrimônio, eram as relações sexuais que não podiam ser integradas em uma dinâmica que aspirasse à perfeição. Haviam recaído sobre o sexo muitos receios e suspeitas para que ele pudesse ser vinculado com a esfera do religioso e do sagrado... o sexo era visto como uma mancha e uma espécie de profanação, que afastava o homem da esfera sagrada e do âmbito religioso. O Antigo Testamento já ordenava aos sacerdotes israelitas que se abstivessem de relações sexuais antes do serviço ao Templo e os participantes das guerras santas eram submetidos a semelhantes restrições. A ablução era utilizada como um rito frequente para eliminar determinadas impurezas e entrar no reino sagrado. Essa mesma mentalidade estaria latente em muitas prescrições eclesiásticas visando impor o celibato, constituindo um dos seus argumentos principais para a sua defesa e exaltação.⁵¹

Para aqueles que são obrigados a conviver com o celibato, é possível viver a sexualidade centrada numa afetividade sadia. O padre, se quiser agir eticamente, deve ter consciência de que a vulnerabilidade específica das pessoas que procuram o serviço pastoral requer que ele, como ministro da Igreja, tenha somente uma preocupação: ir ao encontro das necessidades do outro no campo da assistência ministerial. Misturar uma agenda sexual pessoal com esse trabalho profissional é cruzar a fronteira em direção ao comportamento antiético.

Vê-se, portanto, que o celibato presbiteral não é mau nem bom. O mal está numa vivência desintegrada da sexualidade que desemboca numa série de atitudes e comportamentos não adequados para tal situação. Entretanto, isso não diz respeito apenas aos celibatários: também aqueles que não vivem uma sexualidade integrada fazem do matrimônio um verdadeiro inferno, só que mais agravado, uma vez que inclui outras pessoas, o cônjuge e os filhos. Portanto, o mal não repousa sobre o celibato, mas sobre a forma que se vive a sexualidade e a escolha que se faz na vida.

Outra questão polêmica no seio da Igreja é a abolição do celibato obrigatório. Abolir o celibato dos padres não vai resolver os problemas dos padres, da escassez de padres e nem da Igreja. Tal

⁵¹ ORDUÑA, 1984, p. 463.

abolição poderia ser a responsável pelo surgimento de outros problemas ainda piores para a Igreja, tais como: padre casado, mas não vivendo a fidelidade do matrimônio, tendo uma vida sexual com várias mulheres; padre casado, mas não sendo respeitado por sua esposa (seria muito triste ouvir a expressão “padre chifrudo”)⁵². Outro problema muito sério para a Igreja seria a forma de sua atividade pastoral. A atual estrutura pastoral da Igreja requer exclusividade de tempo por parte dos padres, haja vista o número de comunidades que estão sob sua responsabilidade. Além do mais, a maior parte do tempo do padre, para não dizer quase todo, é dedicado ao serviço pastoral. Cabe então a pergunta: neste modelo de Igreja, com toda sua estrutura, que tempo o padre casado dedicaria a sua família, a sua esposa e a seus filhos?

Aprofundando a complexidade da abolição do celibato presbiteral, outra questão que merece destaque é o homossexualismo. Digamos que o celibato seja abolido. O que seria dos padres homossexuais, uma vez que a união ou o casamento entre pessoas do mesmo sexo ainda não é legalizado (em alguns países) e visto com muita reserva pela Igreja?⁵³ Portanto, abolir o celibato seria bom ou ruim? Deveria ficar a critério daqueles que vive o celibato obrigatório avaliar tal questão?

Outra questão que ainda se faz presente é esta: deverá chegar o dia em que se ordenarão homens casados e mulheres. Desde que o tema ganhou publicidade, vários documentos pontifícios se declararam claramente contrários à ideia. O único argumento em que os documentos se apoiam é que Jesus ordenou apenas homens, podendo ter ordenado mulheres, e não agiu assim só por puro costume da época ou preconceito histórico, mas por sua própria e pessoal vontade. Por conseguinte, não se pode mudar sua decisão. “Cristo chamando apenas homens como apóstolos, fê-lo de um modo totalmente livre e soberano, por essa razão a Igreja não tem poder para mudar o que ele ordenou”, afirmou o saudoso papa João Paulo II em uma Carta Apostólica de 1994. Todavia, é preciso levar em consideração que

⁵² Sobre tal assunto, recomendamos a leitura de: MOREIRA, Wellington Coelho. *Historicidades e representações: celibato, conjugalidades e paternidades sacrílegas em Goiás, 1824-1896*. 2010. 240 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

⁵³ Sobre tal assunto, recomendamos a leitura de: BRAGA, Claudomilson F. *Celibato e Gênero: uma releitura crítica*. 2007. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2007.

Ao escolher seus apóstolos, Jesus teve três opções: podia tê-los escolhidos todos casados, todos celibatários ou parte casados e parte celibatários. Ele escolheu a terceira opção, tendo havido entre seus primeiros apóstolos alguns virgens, como João, segundo a tradição e casados, como Pedro, de acordo com o Evangelho. Se, pois, a Igreja deve respeitar o que Jesus fez e não tem faculdade para mudá-lo, os sacerdotes de rito latino deveriam hoje poder ser casados ou solteiros. Ou consideramos as opções de Jesus imutáveis hoje nos dois casos ou não as consideramos imutáveis em nenhuma. Se na atualidade a Igreja não pode ordenar mulheres porque Jesus não as ordenou, tampouco deveria restringir o sacerdócio a homens solteiros, porque Jesus não o restringiu. Se a Igreja modificou a prática de Jesus e excluiu os homens casados do sacerdócio latino, quando Jesus não os excluiu, também pode mudar a prática de Jesus no sacerdócio das mulheres, incluindo-as nele mesmo que ele não tenha feito. Creio tê-lo dito com clareza. O único argumento contrário à ordenação de mulheres é que não se pode mudar o uso instituído por Jesus. Mas esse foi mudado no caso paralelo e evidente da ordenação por Jesus de homens casados. Uma vez mais: ou o uso de Jesus pode ser mudado – e então se podem ordenar mulheres –, ou não o pode ser – e, neste caso, é preciso ordenar homens casados. O raciocínio é claro e deixa definitivamente a porta aberta. A ordenação das mulheres ao sacerdócio, assim como a ordenação de homens casados, continua a ser, no que se refere à Bíblia, tal como a lógica e a consciência indicam, uma possibilidade.⁵⁴

Finalizando, percebe-se que a psicanálise ajuda a observar que algumas opções celibatárias são inadequadas, não têm como fundamentação uma escolha livre e madura e nem têm em vista um ideal de vida sublime. A psicanálise ajuda a entender também a sexualidade humana e, por conseguinte, o celibato, seja laico ou religioso, como forma de viver essa sexualidade. Entretanto, mesmo tendo recursos para diagnosticar a dinâmica de forças presentes no psiquismo e dizer algo sobre as consequências psicológicas da opção pelo celibato, a psicanálise não está autorizada a emitir opinião sobre o significado último de um celibato para determinada pessoa.

⁵⁴ VALLÉS, 1998, p. 120.

Referências

- BENTO XVI. *Exortação Apostólica SACRAMENTUM CARITATIS*. Vaticano: L'Osservatore Romano, 2007.
- BRAGA, Claudomilson F. *Celibato e Gênero: uma releitura crítica*. 2007. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2007.
- BRENNER, Charles. *Noções Básicas de Psicanálise*. São Paulo: Imago Editora Ltda, 1998.
- FADIMAN & FRAGER. *Teorias da Personalidade*. São Paulo: Harbra, 1980.
- FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- GRÜN, Anselm. *Amadurecimento Espiritual e Humano na vida religiosa*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- GULA. *Ética no ministério pastoral*. São Paulo: Loyola, 2001.
- HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *Servir a Cristo na comunidade: o ministério presbiteral em Edward Schillebeeckx*. São Paulo: Loyola, 1993.
- HUMMES, Cardinal Cláudio. *L'importanza del celibato sacerdotale*. Vaticano: L'Osservatore Romano, 2007.
- KIYAN, Ana Maria Mezzarana. *A identidade do sacerdote católico - Um estudo sobre o celibato e a política de identidade da Igreja Católica*. 2005. 189 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- LAPLANCHE E PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MOHANA, João. *Vida afetiva dos que não se casam*. São Paulo: Loyola, 1997.
- MOREIRA, Wellington Coelho. *Historicidades e representações: celibato, conjugalidades e paternidades sacrílegas em goiás, 1824-1896*. 2010. 240 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.
- ORDUÑA. Rincón. *Práxis Cristã: opção pela vida e pelo amor*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- PAULO VI. *Carta Encíclica SACERDOTALIS CAELIBATUS*. In: Documentos de Paulo VI (Coleção Documentos da Igreja). São Paulo: Paulus, 1997. v. 3. p. 123-157.

PEREIRA, William César Castilho. *A formação religiosa em questão*. Petrópolis: Vozes, 2004.

PINTO, Ênio Brito. *Os padres e a sexualidade na visão de um Psicoterapeuta*. Revista Vida Pastoral, Maio-Junho de 2010 (pp. 35-39).

PFISTER, Oskar. *Cartas entre Freud e Pfister*. Porto Alegre, Editora Ultimato: 1956.

RUTTER, Peter. *Sex in the forbidden zone*. Nova York: Ballentine Fawcett Crest Book, 1989.

ROTH, Priscilla. *O Superego*. In Conceito da Psicanálise, v.5. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

SILVA, Edlene. *Entre a Batina e a Aliança - Sexo, Celibato e Padres Casados*. São Paulo: Annablume, 2010.

VALLÉS, Carlos González. *Querida Igreja*. São Paulo: Paulus, 1998.

WONDRACEK, Karin Hellen. *Espiritualidade e sexualidade são complementares e não excludentes*. In Revista Ultimato, ed. 277 - Padres sem castidade - Julho-Agosto 2002.